

# Responsabilidade Social das Instituições Psicanalíticas

Texto de Maria Teresa Lopes

Apresentado por Bruno Salésio

no Congresso da Fepal em Cartagena, 2016.

O termo cunhado pela FEBRAPSI – Responsabilidade Social das Instituições Psicanalíticas (RSIP) é um provocativo às instituições ligadas a IPA, FEPAL e à própria FEBRAPSI, no intuito de nos fazer pensar nas ações e consequências dessas ações em nossos meios institucionais.

O uso deste termo nos levaria a pensar em ações para fora dos consultórios, bem como, atendimentos que acontecem dentro dos consultórios, quando disponibilizamos horários para atendimentos a pacientes que vem das clínicas sociais ou serviços de

atendimentos, ligados a essas instituições psicanalíticas.

Vale ressaltar, que quando chamo atenção para as "ações" voltadas para fora dos consultórios, leia-se como "ações de sustentabilidade" à teoria psicanalítica. Porque de sustentabilidade? Porque todas as ações de Responsabilidade Social estariam voltadas à sustentabilidade ambiental, no nosso caso, esta sustentabilidade seria voltada ao ambiente teórico e prático – uma possibilidade de extensão dos conceitos até então estabelecidos pela psicanálise tradicional que hoje se encontram defasados pelo tempo e pela amplitude e complexidade da atualidade. O que eu quis ressaltar aqui é a contradição institucional que tem uma clínica social ou centro de atendimento, que "acolhem projetos sociais" mas em sua filosofia não abre muito espaço para estas discussões. E quando abre aparecem meia dúzia de gatos pingados, a falta de conscientização

institucional. Outra crítica vai para os psicanalistas que defendem ideias diferentes daquilo que é apresentado e que não aparecem para defender as suas ideias desconstruindo de longe os projetos sociais feitos e desenvolvidos por outros colegas. A dificuldade de lidar com a diversidade de pensamento, numa tentativa pífia de propagar a quatro ventos que o que se faz ali é ou não é psicanálise, enfraquecendo assim as iniciativas. Como mentes abertas e escutas apuradas não deveríamos passar por situações desta ordem. E em função disso que recorri ao Joel citado abaixo. Este seria um vasto campo onde poderíamos fazer pesquisas psicanalíticas de modo a poder sustentar ou não conceitos da psicanálise que talvez tenham que ser revistos para que possamos dar conta desse social que nos cerca.

Freud, em seu texto sobre os “caminhos da psicanálise” cantou a pedra de que nós

psicanalistas, e a teoria psicanalítica, teríamos que, se envolver e adequar, posteriormente nas políticas públicas, nos atendimentos as pessoas com poucos recursos econômicos. Ele cantou a pedra, mas não desenvolveu muito este pensamento, até porque este foi um pensamento visionário dele, para a posteridade. Hoje seremos nós a discutir esta pedra cantada pelo pai da psicanálise.

Recorrerei a Joel Birman que, em 1999, lançou um livro cujo título é Mal-estar na atualidade - A psicanálise e as novas formas de subjetivação, onde umas das coisas que fala é sobre o mal-estar do psicanalista na atualidade, colocando-nos que se dá sob duas vertentes: a primeira delas ficaria por conta de certo obscurantismo e fundamentalismo, imposto pelas comunidades psicanalíticas. Segundo ele, “a tragédia da servidão na psicanálise se articula intimamente ao esquecimento da presença do corpo na

experiência do sujeito. Dito de outra maneira, uma parcela substantiva da comunidade analítica se esqueceu de que a subjetividade sofrante tem um corpo e que é justamente neste corpo que a dor literalmente se enraíza. A rigor, não existe o sujeito e seu corpo, numa dualidade e polaridade insuperáveis, mas um corpo-sujeito propriamente dito” (pág.21). Freud já dizia que o ego é eminentemente corporal. E a segunda seria a impossibilidade criada por alguns psicanalistas, ao fazer da psicanálise uma doutrina, de poder conversar sobre as mais variadas formas de poder pensar a psicanálise. Segundo ele a psicanálise não deveria ser utilizada de forma obtusa e cega. Deveríamos poder nos abrir para uma escuta menos contaminada pela teoria doutrinária, que funciona mais como “obstáculo crucial para a escuta das novas formas de subjetividade que a cena contemporânea nos oferece. Vale dizer, existem certos pontos cegos na maneira como algumas tendências teóricas do

campo psicanalítico concebem a clínica, que tem a virtude negativa de tornar a psicanálise inoperante no contexto histórico da atualidade” (pág.19).

Há um questionamento em relação a comunidade psicanalítica ter perdido o poder crítico, engendrada pelo tal fundamentalismo. Acentua que este é indubitavelmente um dos aspectos de nosso mal-estar. E a partir daqui gostaria de levantar alguns pontos que ficam implícitos quando nos referimos a questão da RSIP. Concordo com Birman que precisamos, para ontem, abrimos mão desse obscurantismo que não nos cabe mais. A psicanálise é libertadora, é a peste e não opressora. Não podemos e nem devemos circunscrevê-la no mundo atual com conceitos defasados, que não cabem mais para a compreensão do sujeito. Precisamos usar a teoria, de forma, a nos garantir dar um sentido a essas novas formas de vida que nos estão sendo

apresentadas. Leandro Karnal nos alerta que “o mundo que nos formou se encontra obsoleto” e é verdade. Não podemos mais ficar presos a tradição se ela já não nos garante uma compreensão. Não é negar a tradição é tão somente saber que não podemos nos aprisionar a ela. E com certeza, o campo que trilhamos nos é vasto de elementos para construirmos estas novas possibilidades teóricas. Desenvolver trabalhos fora de nossos consultórios, primeiro nos tira de nossa acomodação, nos faz entrar em contato com o primitivo de forma não tão costumeira, aparados pela transferência e pelo enquadre estabelecidos no consultório. O desamparo original nos aparece de forma muito mais viva e cruel, a angústia real precisa se transformar em angústia de desejo para nos colocar em uma situação um pouco mais confortável. Temos que pensar que o social tem hoje nova cartografia, e precisamos com urgência nos atermos a ela para não ficarmos de fora do

momento histórico da atualidade, para que deixemos de reproduzir um discurso já obsoleto e possamos de fato fazer parte, acreditando também que “O percurso vertiginoso pelos novos destinos do desejo foi realizado com a psicanálise conjugada a outros saberes. A psicanálise ainda é o saber mais consistente, construído pelo Ocidente, para indagar as relações turbulentas do sujeito com seu desejo, ficando para isso nos limiares da morte, do gozo e da violência, que nos entreabrem para o que existe de horror no universo das delícias eróticas. ...Porém, quero sublinhar também, de maneira vigorosa, como a psicanálise deve se repensar em alguns de seus fundamentos, para ficar sensível e conseguir ser potente no que tange ao mal estar na atualidade. Esta seria a única maneira de a psicanálise continuar a ser operante no contexto de trevas, obscurantismo e fundamentalismo em que vivemos hoje em dia” (pág. 26). **E aqui, tento mostrar que o benefício não é somente para o**



trabalho fora dos consultórios e sim para as nossas clínicas privadas. Que é o que Joel defende no seu livro. Eu faço um uso de seu pensamento estendendo ao social, que para ele em um outro texto irá falar exatamente isso: a única forma de saída no social é através das mediações, que penso ser o que fazemos nas clínicas ampliadas.

Pensar a RSIP é de alguma forma despir-se do conhecido para pensar novas formas de diálogo com a comunidade e cultura, bem como repensar nossas posições como analistas na atualidade.

Resgatar o pensamento vivo e libertador da psicanálise. Resgatar a questão da ética em psicanálise que é muito pouco falada entre nossos pares, resgatar junto ao social um espaço de discussão com outros saberes, com contribuições pertinentes e menos defensivas. Este livro do Joel me chama atenção pela sua eloquência. Quando ele fala da servidão à

psicanálise, me fez pensar o quanto a formação psicanalítica pode nos engessar, nos tirar a espontaneidade, nos fazer desacreditar de nosso conhecimento. Neste sentido, é que vamos enfrentando os preconceitos existentes entre nossos pares, questionando-os e dizendo para eles que, o que fazemos fora de nossos consultórios, é pensar a extensão da psicanálise, porque nos faz pensar e refletir muito todo o processo que ali, em campo, vivenciamos e que precisamos compartilhar, trocar e criar mais espaços para que a RSIP possa de fato solidificar entre nós. **Aqui o interesse é chamar atenção de como teremos que nos fazer presentes nos espaços sociais podendo juntamente com outros saberes falar sobre questões que somente o psicanalista poderá falar. Defender nosso ponto de vista junto ao social, participando mais das mídias, dos debates.** Neste sentido também levantamos algumas questões que não pretendemos respostas mais sim reflexões a

partir de experiências e vivências no campo social. São elas: Pretende-se refletir sobre o idioma não verbal (desamparo original) dos corpos e dos gestos, a semiótica no tom das palavras, das roupas, no erotismo, na hierarquia social, nos preconceitos e nos limites dos psicanalistas; assim como sobre a transformação das expressões simbólicas, no contexto onde estamos, com quem estamos e para que servem; considerando-se o uso poroso de nossas lembranças sem memória (vivências) e de nossas memórias reprimidas ou não, a experiência do presencial, suscitando reações primitivas corporais, integradas ou não, no psicanalistas. Seria possível evitar reação, respostas corporais ou adoecimento? Como elaborar as angústias despertadas no encontro do trabalho? Como pensar a diferença entre subjetividades e quantas entranhas teremos que percorrer? Como por em palavras e pensamentos a linguagem não-verbal que nos invade nessas situações (situs) fora do

setting habitual? Como deixar de lado nossa escuta psicanalítica, nossa marca registrada, e não elaborar compreensões e entendimentos psicanalíticos? Estas são algumas perguntas que nos ocorreu para podermos refletir e compartilhar com as outras experiências que aqui serão apresentadas.

#### Referencia Bibliográfica:

Birman, J. – Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.